



CATÓLICA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA

PORTO



EDUCAÇÃO, TERRITÓRIOS E DESENVOLVIMENTO HUMANO

Atas do II Seminário Internacional



CATOLICA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA

PORTO



EDUCAÇÃO, TERRITÓRIOS E DESENVOLVIMENTO HUMANO

Atas do II Seminário Internacional

Porto . 2017

© 2017 Universidade Católica Portuguesa . Porto
Faculdade de Educação e Psicologia
Centro de Estudos em Desenvolvimento Humano

Título: Educação, Territórios e Desenvolvimento Humano: Atas do II Seminário Internacional . **Organizadores:** Joaquim Machado (coord.), Cristina Palmeirão, Ilídia Cabral, Isabel Baptista, Joaquim Azevedo, José Matias Alves, Maria do Céu Roldão . **Autores:** Adriana de Lima Penteadó, Afonso José Ganho Pereira de Athayde, Aldenor Batista da Silva Junior, Amâncio Carvalho, Amélia de Jesus Marchão, Ana Vigário, Angelina Sanches, António Andrade, Armando Loureiro, Carla Alexandra do Espírito Santo Guerreiro, Carla Baptista, Carla Sofia Oliveira, Carolina Mendes, Célia Beatriz Piatti, Cláudia Aleixo Alves, Cleonice Halfeld Solano, Conceição Martins, Cristiane Mesquita Gomes, Cristina Palmeirão, Cynthia Matínez-Garrido, Daniela Gonçalves, Danilma de Medeiros Silva, Dante Henrique Moura, Darliane Silva do Amaral, Elisabete Corcetti, Elsa Morgado, Elza Mesquita, Erlando Silva Rêses, Eulália Tadeu, Felipe André Angst, Fernando Rebola, Filomena Lume, Francisco Guimarães, Geisa Portelinha Coelho, Germano Borges, Hélder Henriques, Henrique Luís Gomes de Araújo, Ilda Freire Ribeiro, Ilídia Cabral, Íris Daniela Bidarra, Isabel Lage, Jane do Carmo Machado, Joana Leite, Joaquim Azevedo, Joaquim Escola, Joaquim Machado, Joaquim Sousa, Joelci Mora Silva, José Matias Alves, Laura Rocha, Laurinda Leite, Lenilda damasceno Perpétuo, Leonor Lima Torres, Levi Silva, Leyani Ailin Chávez Noya de Oliveira, Luísa Orvalho, Luiz Caldeira Brant de Tolentino-Neto, Manuel Luís Castanheira, Manuel Monteiro, Manuel Peniche Bertão, Marco António Oliva Monje, Marco Cruzeiro, Margarida Maria da Gama oliveira, Maria das Dores Saraiva de Loreto, Maria do Céu Roldão, Maria Filomena Gonçalves Ferreira, Maria Gerlandia de Oliveira Aquino, Maria Isolete Sousa, Maria Ivone Gaspar, Maria Lúcia Massano, Maria Teresa Mateus Pires, Marina Pinto, Mário Cardoso, Mary Rangel, Micheli Bordoli Amestoy, Milena Pimenta de Souza, Paula Marisa Fortunato vaz, Paula Pinto, Paulo de Carvalho, Renata Leite, Rubia Fonseca, Rui Lourenço-Gil, Rui Neves, Samuel Helena Tumbula, Sandra Mónica Dias Almeida, Sefisa Bezerra, Sérgio Olim Gomes de Mendonça, Sílvia Amorim, Sirley Marques da Silva, Sofia Bergano, Sónia da Cunha Urt, Sónia Mirela de Sousa, Soraya Vital, Sueli Mamede Lobo Ferreira, Susana Gastal, Susana Henriques, Teresa Melo Gomes; Rosa Serradas Duarte, Victor Muirequetule, Vincenzo Schirripa, Vitor Barrigão Gonçalves, Wilson ProfirioNicaquela, Zulmira Moreira Ramos **Design e Paginação:** LabGraf . **Colaboração:** Cristina Crava, Francisco Martins . **Editor:** Faculdade de Educação e Psicologia – Centro de Estudos em Desenvolvimento Humano, Universidade Católica Portuguesa – Porto . **Local e data:** Porto, 2017 . **ISBN:** 978-989-99486-8-6 .

APRESENTAÇÃO	9
ÁREA TEMÁTICA	
PROJETOS LOCAIS E DESENVOLVIMENTO SOCIOCOMUNITARIO	
<hr/>	
A ARTICULAÇÃO DO SISTEMA DE EDUCAÇÃO PARA A EFETIVAÇÃO DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL DE JOVENS E ADULTOS TRABALHADORES NO MUNICÍPIO DE LUZIÂNIA-GO	13
Sueli Mamede Lobo Ferreira	
CURRÍCULO, FORMAÇÃO INTEGRAL & EDUCAÇÃO 3.0	27
Rubia Fonseca, Amâncio Carvalho, Joaquim Escola, Armando Loureiro	
FESTAS RELIGIOSAS E COGNIÇÃO POPULAR: UMA APROXIMAÇÃO À FESTA DO DIVINO EM ALCÂNTARA (BRASIL)	49
Susana Gastal, Cristiane Mesquita Gomes	
ENSINO SUPERIOR MILITAR E DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS DE COMANDO E LIDERANÇA	65
Victor Muirequetule, Joaquim Machado	
A EVOLUÇÃO DA EDUCAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS NO BRASIL NO SÉCULO XX: O DESAFIO DA APRENDIZAGEM NA DIVERSIDADE CULTURAL DOS POVOS INDÍGENAS XUKURU DO ORORUBÁ	83
Maria Gerlandia de Oliveira Aquino	
PROJETO INTEGRA-(TE): PEDAGOGIA E EDUCAÇÃO NA EXPLORAÇÃO DE NOVOS DESAFIOS	105
Vitor Barrigão Gonçalves, Paula Marisa Fortunato Vaz	
EDUCATION AND COMMUNITY EMPOWERMENT IN THE CONTEXT OF ITALIAN MERIDIONALISM. DANILO DOLCI, A NONVIOLENT LEADER IN SICILY	115
Vincenzo Schirripa	
HÁ LUGAR PARA O ANTROPÓLOGO NOS PLANOS DE DESENVOLVIMENTO LOCAL?	129
Henrique Luís Gomes de Araújo	
LITERACIA MUSICAL E APRENDIZAGEM SOCIAL: ESTUDO DE CASO	139
Zulmira Moreira Ramos	

ÁREA TEMÁTICA

AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL E PROJETOS DE MELHORIA

AÇÕES DE (AUTO)AVALIAÇÃO E SEUS EFEITOS PARA MELHORIA DA QUALIDADE NO ENSINO SUPERIOR – UM ESTUDO DE CASO	154
Felipe André Angst, José Matias Alves	
A AUTOAVALIAÇÃO COMO PROCESSO DE MELHORIA: UM ESTUDO DE CASO	174
Carla Baptista, José Matias Alves	
AS PERCEÇÕES DOS DIRETORES DE TURMA SOBRE AS SUAS FUNÇÕES E PODERES	183
Sónia Mirela de Sousa, Joaquim Machado	
O PROJETO EDUCATIVO NA PROMOÇÃO DA FUNCIONALIDADE DA ESCOLA	192
Margarida Maria da Gama oliveira, Cristina Maria Gomes da Costa Palmeirão	
SEGURANÇA PSICOLÓGICA DAS EQUIPAS E COMPORTAMENTOS DE APRENDIZAGEM: UM ESTUDO EMPÍRICO EM ORGANIZAÇÕES ESCOLARES	219
Rui Lourenço-Gil, Ilídia Cabral, José Matias Alves	
ENVOLVIMENTO E PARTICIPAÇÃO NA CIDADANIA GLOBAL: REFLEXOS DA FORMAÇÃO	232
Ilda Freire Ribeiro, Sofia Bergano, Conceição Martins, Angelina Sanches, Elza Mesquita	
PLANO DE DESENVOLVIMENTO DA ESCOLA: MELHORIA DA EDUCAÇÃO PÚBLICA BRASILEIRA?	251
Cleonice Halfeld Solano	
O CONTROLO DA QUALIDADE E A GARANTIA DA QUALIDADE EQAVET: DE QUE FALAMOS?	265
Laura Rocha, José Matias Alves	
CONSTRUCCIÓN DE UN MODELO DE ENSEÑANZA EFICAZ	282
Cynthia Matínez-Garrido	
AS LIDERANÇAS INTERMÉDIAS: QUE CONTRIBUTO PARA O (IN)SUCESSO DA ORGANIZAÇÃO ESCOLAR?	295
Manuel Monteiro, José Matias Alves	
QUALIDADE NA EDUCAÇÃO NO PLANO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE CORUMBÁ (MS) BRASIL	315
Marco António Oliva Monje	
UMA EXPERIÊNCIA DE IMPLEMENTAÇÃO DE MÉTODOS DE APRENDIZAGEM DINÂMICA E COOPERATIVA NO CONTEXTO DA DISCIPLINA DE FILOSOFIA	333
Marco Cruzeiro	
O MAL-ESTAR DISCENTE NUMA ESCOLA DO OUTRO SÉCULO: OLHARES DE ALUNOS	353
Carla Baptista, José Matias Alves	

PERCEPÇÃO DA AVALIAÇÃO PEDAGÓGICA NO ENSINO SUPERIOR: UM ESTUDO HERMENÊUTICO	371
Leyani Ailin Chávez Noya de Oliveira, Wilson ProfirioNicaquela	

ÁREA TEMÁTICA

ALUNOS, PROFESSORES E POLÍTICAS DE INCLUSÃO NA ESCOLA

EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA COM ALUNOS EM RISCO USANDO JOGOS DIGITAIS	405
Joaquim Sousa, António Andrade, Joaquim Machado	
AS ATIVIDADES DE ENRIQUECIMENTO CURRICULAR: A VOZ DOS ATORES	420
Maria Filomena Gonçalves Ferreira, Joaquim Machado	
PROGRAMA INTEGRADO DE EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO (PIEF): UMA MEDIDA ESCOLAR DE INCLUSÃO OU EXCLUSÃO?	435
Darlíane Silva do Amaral	
A CANDIDATURA AO ENSINO SUPERIOR COMO ESTRATÉGIA DE DISTINÇÃO SIMBÓLICA: AS ESCOLHAS DOS ESTUDANTES DISTINGUIDOS POR MÉRITO ESCOLAR NO ENSINO SECUNDÁRIO	450
Germano Borges, Leonor Lima Torres	
PELOS 'JARDINS SECRETOS' DE DUAS ESCOLAS COM POPULAÇÕES ESTUDANTES SEMELHANTES, MAS COM RESULTADOS ACADÉMICOS DIFERENTES	468
Sílvia Amorim, Ilídia Cabral, José Matias Alves	
COMUNIDADE CIGANA CALON EM PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO: CONFLITOS ÉTNICOS E SABERES PLURICULTURAI	489
Lenilda damasceno Perpétuo, Erlando Silva Rêses	
DAS TENDÊNCIAS EUROPEIAS ÀS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM PORTUGAL, COM TECNOLOGIAS EMERGENTES	506
Íris Daniela Bidarra, António Andrade	
OS ESPAÇOS EDUCATIVOS NAS ESCOLAS DO PROGRAMA DE MODERNIZAÇÃO DO PARQUE ESCOLAR DESTINADO AO ENSINO SECUNDÁRIO	523
Manuel Peniche Bertão, José Matias Alves	
O (IN)SUCESSO ESCOLAR NO PRIMEIRO ANO DO CURSO DE ENGENHARIA MECÂNICA	548
Samuel Helena Tumbula, Joaquim Azevedo	
PROMOVER O SUCESSO ESCOLAR ATRAVÉS DA LITERACIA: O EXEMPLO DA ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL CANGUÇU, NO RIO GRANDE DO SUL	566
Carla Alexandra do Espírito Santo Guerreiro, Geisa Portelinha Coelho	

AS FRONTEIRAS DA SALA DE AULA: CRUZAMENTOS CONSENTIDOS	577
Isabel Lage, José Matias Alves	
A TUTORIA ESCOLAR COMO ESTRATÉGIA DE INTERVENÇÃO E DESENVOLVIMENTO DOS JOVENS: SISTEMATIZAÇÃO E ANÁLISE DE EVIDÊNCIAS	596
Sandra Mónica Dias Almeida, Cristina Palmeirão	
O IMPACTO DAS PROVAS EXTERNAS DO 1º CICLO DO ENSINO BÁSICO, PARA ALÉM DOS NÚMEROS: RESULTADOS, REPRESENTAÇÕES E IMPACTOS PERCECIONADOS	620
Ana Vigário, Ilídia Cabral	
PROGRAMA DE EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA – EDIÇÃO DE 2014: QUE PRESSUPOSTOS DOS AUTORES E DECISORES CURRICULARES?	639
Francisco Guimarães, Maria do Céu Roldão	
ESTUDIO MULTINIVEL SOBRE EL IMPACTO DE LAS ESTRATEGIAS DE EVALUACIÓN EN EL AULA SOBRE EL RENDIMIENTO ACADÉMICO EN AMÉRICA LATINA	660
Cynthia Martínez Garrido	
O(S) EFEITO(S) DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA PROMOÇÃO DO SUCESSO DA APRENDIZAGEM NA LÍNGUA MATERNA NOS ENSINOS BÁSICO E SECUNDÁRIO	677
Maria Isolete Sousa, Daniela Gonçalves	
PROJETOS INTERDISCIPLINARES: UMA OPORTUNIDADE DE APRENDIZAGEM CRÍTICA E CRIATIVA	694
Marina Pinto, Renata Leite, Daniela Gonçalves	
A INCLUSÃO SOCIAL ATRAVÉS DO ENSINO DAS CIÊNCIAS: UM ESTUDO CENTRADO NOS CURRÍCULOS BRASILEIRO E PORTUGUÊS	708
Micheli Bordoli Amestoy, Laurinda Leite, Luiz Caldeira Brant de Tolentino-Neto	
ÁREA TEMÁTICA	
DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL E FORMAÇÃO PROFISSIONAL	
<hr/>	
A ESCOLA COMO ESPAÇO DE FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES: CONTRIBUIÇÕES PARA O TRABALHO DOCENTE	731
Jane do Carmo Machado, Mary Rangel, Rui Neves	
A SUPERVISÃO PEDAGÓGICA E O DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DOS PROFESSORES DE GEOGRAFIA	747
Carla Sofia Oliveira	
OS PROFESSORES E A COADJUVAÇÃO EM SALA DE AULA	768
Eulália Tadeu, Joaquim Machado	

A SUPERVISÃO COMO DISPOSITIVO DE DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL E TRANSFORMAÇÃO DE PRÁTICAS	786
Elza Mesquita, Maria do Céu Roldão	
AS NOVAS ORIENTAÇÕES CURRICULARES PARA A EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR: UM PROCESSO EM PARTICIPAÇÃO	803
Amélia de Jesus Marchão, Hélder Henriques, Fernando Rebola	
ESTRATÉGIAS FORMATIVAS E IMPACTOS NO DESENVOLVIMENTO ORGANIZACIONAL E PROFISSIONAL DOS PROFESSORES DAS ESCOLAS COM ENSINO PROFISSIONAL	824
Luísa Orvalho, José Matias Alves	
O MULTICULTURALISMO E A DOCÊNCIA NO CONTEXTO AMAZÔNICO: A ATUAÇÃO DO PROFESSOR ASSISTENTE NO CURSO DE PEDAGOGIA INTERCULTURAL	839
Sirley Marques da Silva	
FORMAÇÃO BIOÉTICA NO 3.º CICLO DO ENSINO BÁSICO: EVOLUÇÃO, SITUAÇÃO ATUAL E PERSPETIVAS	858
Sérgio Olim Gomes de Mendonça	
ÁREAS CURRICULARES NA EDUCAÇÃO DE INFÂNCIA: PERSPETIVAS DOS EDUCADORES	881
Manuel Luís Castanheira, Carla alexandra do Espírito Santo Guerreiro	
O CONTRIBUTO DA SUPERVISÃO PARA O DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DO DOCENTE ONLINE: REFLEXÕES TEÓRICAS	887
Susana Henriques, Maria Ivone Gaspar, Maria Lúcia Massano	
AS INCERTEZAS DA AVALIAÇÃO DO DESEMPENHO DOCENTE...	899
Teresa Melo Gomes; Rosa Serradas Duarte	
POLÍTICA DE FORMAÇÃO DOCENTE: O PIBID COMO ESPAÇO DE FORMAÇÃO CULTURAL	917
Cláudia Aleixo Alves	
A PROFISSIONALIDADE DOCENTE PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA DE QUALIDADE SOCIAL	931
Adriane de Lima Penteadó	
UM ESTUDO SOBRE AS DIMENSÕES DO DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DO ADMINISTRADOR	948
Sefisa Bezerra, Elsa Morgado, Mário Cardoso, Levi Silva	
UM CURRÍCULO CONSTRUÍDO EM TORNO DO MAR: GÉNESE, DESENVOLVIMENTO E POTENCIALIDADES DE UM PROJETO	968
Paula Pinto, José Matias Alves	
PUBLIC EDUCATIONAL POLICIES FOCUSED ON GENDER IN BRAZIL: DILEMMAS AND CHALLENGE	968
Elisabete Corcetti, Maria das Dores Saraiva de Loreto	

QUANDO O PESQUISAR COLABORA PARA FORMAR: PROFESSORAS NAS OFICINAS DE APRENDIZAGEM DO FACEBOOK	1012
--	------

Joelci Mora Silva, Sônia da Cunha Urt

A FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL DA PSICOLOGIA PARA ATUAR NA INTERFACE COM A EDUCAÇÃO EM MATO GROSSO DO SUL	1025
--	------

Aldenor Batista da Silva Junior, Joelci Mora Silva, Soraya Vital, Sônia da Cunha Urt

ÁREA TEMÁTICA

ESCOLA, TERRITÓRIO E MUNDO DO TRABALHO

ESCOLARIZAÇÃO E MUNDO DO TRABALHO	1047
--	------

Milena Pimenta de Souza

OS MUNICÍPIOS E A DESCENTRALIZAÇÃO EDUCATIVA: RETÓRICA E AÇÃO	1059
--	------

Joana Leite, Joaquim Machado

A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL NO BRASIL IMPLEMENTADA COM O PRONATEC E A SUA VINCULAÇÃO COM O MUNDO DO TRABALHO	1068
---	------

Danilma de Medeiros Silva, Dante Henrique Moura

ESCOLA PRIMÁRIA SUPERIOR DO FUNCHAL (1919-1926)	1085
--	------

Filomena Lume

OS CURSOS PROFISSIONAIS EM PORTUGAL, 2005-2016: UMA ABORDAGEM EXPLORATÓRIA DE AVALIAÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS	1098
--	------

Danilma de Medeiros Silva

PROJETO EDUCATIVO MUNICIPAL: DA RETÓRICA ÀS (PERCEÇÕES SOBRE AS) PRÁTICAS – UM ESTUDO DE CASO	1112
--	------

Maria Teresa Mateus Pires, Ilídia Cabral

A EDUCAÇÃO DO CAMPO NO CONTEXTO DA FORMAÇÃO INICIAL: O SENTIDO E O SIGNIFICADO DA LEITURA NA VOZ DOS LEITORES	1134
--	------

Célia Beatriz Piatti, Sônia da Cunha Urt, Joelci Mora Silva

POLÍTICAS PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO EM CONTEXTOS EM DESENVOLVIMENTO PERCEBIDAS NA COMPLEXIDADE DO GLOCAL	1151
--	------

Carolina Mendes, José Matias Alves, Paulo de Carvalho

O (IN)SUCESSO ESCOLAR NO PRIMEIRO ANO DO CURSO DE ENGENHARIA MECÂNICA

Samuel Helena Tumbula

Universidade Católica Portuguesa,
Porto, Portugal, tumbula@gmail.com

Joaquim Azevedo

Universidade Católica Portuguesa, Centro de Estudos em Desenvolvimento Humano, Faculdade de Educação e Psicologia
Porto, Portugal, jazevedo@porto.ucp.pt

Resumo

O fenómeno do insucesso escolar constitui nos dias que correm uma preocupação central de governos e agentes educativos. Este artigo enquadrado numa investigação mais vasta sobre “o insucesso escolar no primeiro ano universitário em Angola” pretende, nesta fase, atingir dois objetivos: em primeiro lugar, dar conta da complexidade e divergências que encerra o conceito de insucesso escolar e, em segundo lugar, caracterizar a dimensão deste fenómeno no curso de engenharia mecânica numa Instituição do Ensino Superior pública de Angola, no período compreendido entre 2012-2015. O estudo revelou que o conceito de insucesso escolar é ambíguo, depende muito do sistema educativo de cada país. Em todo caso, o insucesso escolar traduz a incapacidade da escola, dos professores e de toda a estrutura na criação de condições privilegiadas para que os alunos tenham acesso a aprendizagens significativas. Por outro lado, concluiu-se que as taxas de sucesso escolar no curso de engenharia mecânica numa

Universidade de Angola são muito baixas, não ultrapassando os 40%.

Palavras-chave: insucesso escolar, primeiro ano da universidade, engenharia mecânica.

Abstract

The phenomenon of school failure is a central concern of governments and educational agents. This article, which is part of a broader research on "school failure in the first university year in Angola" aims, at this stage, to achieve two objectives: first, to account for the complexity and divergences that the concept of school failure contains, and secondly, to characterize the dimension of this phenomenon in the mechanical engineering course in an Institution of Public Higher Education of Angola, in the period between 2012-2015. The study revealed that the concept of school failure is ambiguous, it depends a lot on the education system of each country. In any case, school failure reflects the inability of the school, teachers and the entire structure to create privileged conditions for students to have access to meaningful learning. On the other hand, it was concluded that the school success rates in the mechanical engineering course at a University of Angola are very low, not exceeding 40%.

Key words: school failure, first year of university, mechanical engineering.

1. Introdução

A noção de (in)sucesso escolar é ambígua, não sendo fácil o consenso entre os diversos pesquisadores das ciências da educação, sociologia, psicologia e outras ciências afins. Ela ganhou maior notoriedade entre pedagogos e psicólogos a partir dos anos 60 com a democratização e massificação do ensino (Arénilla et al. 2001). Mas foi sobretudo nos anos 80 que se tentou elucidar o conceito de insucesso escolar. De acordo com os autores supracitados, a definição do insucesso escolar varia “segundo as motivações ideológicas; depende igualmente em parte do meio no qual evolui a criança ou o jovem, das expectativas que a sua família ou a sociedade mantêm a seu respeito, da representação que têm do sucesso” (p. 265).

Entende-se por insucesso escolar o fracasso escolar, a falta de êxito e de bons resultados escolares da parte do aluno e do professor, ao longo de um período de

estudos, sendo que por detrás deste fenómeno podem estar causas relacionadas com o contexto sociopolítico e económico de cada país, a ideologia dominante, a experiência académica do professor¹, a organização pedagógica escolar, a estrutura familiar ou o próprio aluno. Como se pode ver, é uma tarefa hercúlea tentar (des)montar o conceito e a teia de causas do insucesso escolar.

O sucesso escolar, contrariamente ao insucesso escolar, traduz-se na obtenção de bons resultados pelos alunos, no cumprimento dos objetivos traçados para um ciclo de estudos num determinado período escolar. Os indicadores do (in)sucesso escolar são, na maior parte dos casos, facilmente identificáveis, como se pode ver no quadro 1.

Sucesso escolar	Insucesso escolar
Êxito nas aprendizagens	Repetição de anos
Bons resultados escolares	Reprovações sucessivas
Notas acima da média (10/20)	Notas negativas, abaixo da média (10/20)
Transição de classe	Abandono da escola
Permanência na escola	Desadaptação
Motivação para o estudo	Desinteresse
Interesse no estudo	Desmotivação
Bons métodos de estudo	Mau aproveitamento
Esforço/ empenho nas atividades académicas	Mau comportamento
Bom comportamento	Desníveis entre a idade cronológica e o ano estudos

Quadro 1 - *Indicadores do sucesso e insucesso escolar*

¹ Muitos professores classificam os alunos em função da sua própria experiência, em função dos seus resultados escolares. Professores que terminam a graduação ou a pós-graduação com notas baixas dificilmente têm grandes expectativas sobre os seus alunos e inclusive sobre os seus resultados escolares.

Se os indicadores do (in)sucesso escolar são evidentes e claros, o mesmo não se pode dizer do seu conceito, como já referimos mais acima. A noção de insucesso escolar “dependerá de um determinado modelo, o qual poderá variar consoante os objetivos e programas das instituições, os tipos de aprendizagem e de ensino vigentes num dado momento e num dado contexto” (Vieira & Cristóvão, 2007, p. 3). O (in)sucesso escolar é um fenómeno de geometria bastante variável atendendo o funcionamento de cada sistema educativo, suas políticas educativas, as respetivas práticas pedagógicas em sala de aulas, o tipo de avaliação e certificação dos alunos. O insucesso dos alunos não se mede, não se avalia, não se interpreta, não tem o mesmo significado, nem as mesmas consequências em todos os sistemas educativos. Assim também não existe uma uniformidade de critérios para descrever ou conceituar o insucesso escolar, pois, este não é um conceito unívoco ou universal, a aplicar a todos os alunos e sistemas educativos, ignorando a particularidade de cada escola, de cada aluno e de cada país. Ele varia atendendo aos contextos sociais; às políticas educativas; às racionalidades em (in)ação; aos sistemas educativos implantados; aos modos ou modelos de (des)funcionamento das instituições de ensino e suas respetivas lógicas; às ideologias reinantes; aos atores educativos em perspetiva, sua formação e a maneira como se revêm eles próprios em termos profissionais e são vistos pela sociedade. No conceito de (in)sucesso escolar estão, em fim, subjacentes teorias filosóficas contextualizadas, modelos económicos, políticas, narrativas históricas, antropológicas e axiológicas devidamente autografadas, e que constituem representações diferentes da missão da escola e da educação que situam o aluno nalguns casos no centro e noutros casos na periferia das políticas educativas e das aprendizagens significativas.

São muitos os investigadores que se têm debruçado sobre o (in)sucesso escolar. A Eurydice (1993, p. 8) define o insucesso escolar como “a incapacidade que o aluno revela para atingir os objetivos globais definidos para cada ciclo de estudos”. Nota-se, neste conceito, uma tentativa de culpabilização do aluno pelo seu fracasso escolar, e não tem em conta outras variáveis e dimensões do contexto escolar que contribuem para a aprendizagem dos alunos, como por exemplo, as competências do professor (Azevedo, 2014), as estratégias de ensino (Roldão, 2017), a liderança escolar ou educativa (Bolívar, 2012), o clima de escola, a cultura escolar e outros elementos cruciais no sucesso educativo dos alunos.

Para Landsheere (1992), o insucesso escolar se resume numa situação em que um objetivo educativo não é atingido, pois, “a educação escolar tem como finalidades instruir, estimular e socializar os educandos. Dito por outros termos, ele visa a aquisição de determinados conhecimentos e técnicas (*instrução*), o desenvolvimento equilibrado da personalidade do aluno (*estimulação*) e a interiorização de determinadas condutas e valores com vista à vida em sociedade (*socialização*)” (Fernandes 2001, p. 187). A partir destes pressupostos “se algum destes objetivos, que constituem outras tantas dimensões da educação, não é atingido, pode dizer-se que há insucesso na educação escolar” (Ibidem, p. 188).

O insucesso escolar pode ser definido ainda como o insucesso da escola e de todo sistema escolar para proporcionar aos alunos reais oportunidades de aprendizagem e sucesso escolar (Faubert, 2012). Usando as palavras do próprio Faubert (2012, p. 4) “school failure, understood as the failure of schools and the school system to provide the appropriate level of, and adequately defined services for, all students to be successful. In this definition, school failure includes all policy and practice within schools and classrooms (i.e., pedagogy, school leadership, professional learning, etc.)”.

Este conceito desloca de maneira implacável a causa do insucesso escolar do aluno para a instituição escolar. Ao invés de limitar-se a culpabilizar as capacidades do aluno na linha da tese meritocrática, o conceito de Faubert questiona a própria escola, na forma como ela se organiza (ao nível pedagógico, profissional e da liderança) e cria as condições para proporcionar aprendizagens significativas e sucesso educativo aos alunos. É preciso, deste modo, questionar a função da escola² e de todo o sistema escolar na promoção do sucesso educativo dos alunos. Questiona-se o funcionamento da escola, a ambiguidade dos seus objetivos³, a

² No que diz respeito a função da escola e o (in)sucesso escolar, Fernandes (2001, p. 190) considera ser fundamental saber “se a escola nas suas estruturas e processos educativos privilegia a seleção de alguns alunos – considerados os melhores – em detrimento do sucesso escolar de todos ou se assume a posição oposta. E explicação do sucesso ou insucesso é assim uma consequência da existência de mecanismos escolares de seleção ou integração dos alunos. Se predominarem os mecanismos de seleção dos alunos o insucesso destes é a contrapartida do sucesso da escola. Pois, neste caso, a função da escola é selecionar os melhores (do seu ponto de vista) e não educar igualmente todos”.

³ Costa (2003, p. 91) chama a atenção para a inconsistência e má definição dos objetivos na escola, “assemelhando-se a uma coleção de ideias soltas e desgarradas”. A escola acaba não fazendo, em muitos casos, aquilo que é suposto ser a sua essência. Talvez aqui resida o grande problema da escola atual.

relação pedagógica entre professores e alunos, a gestão dos currículos onde os conteúdos programáticos, muitas vezes desajustados da realidade dos alunos, tende a privilegiar apenas abordagens relacionadas com determinadas classes sociais, a preparação científica e pedagógica dos professores, os modelos e métodos de avaliação dos alunos, as formas de agrupamento dos alunos, etc. (Benavente, 1990; Galindo, 2015; Sil, 2004, Fernandes, 2001). Como diz Manesse (2001, p. 429),

Um grande número de estudos convergentes mostrou o caráter altamente seletivo do insucesso escolar, que atinge sobretudo certas classes sociais, ditas desfavorecidas. É então a escola que é posta em causa nos seus métodos, nos seus programas e nos seus modos de transmissão que privilegia: a natureza da língua que é utilizada, a importância das significações abstratas, a evicção da realidade vivida pelos alunos, etc.

Remetida a escola em questão, com grandes responsabilidades no insucesso dos alunos, na década de 80 verificou-se, em vários sistemas educativos, um incremento de medidas e programas de intervenção visando a promoção do sucesso educativo dos alunos. Infelizmente, estas medidas não conseguiram reduzir significativamente as taxas de insucesso porque a mudança no discurso político não foi acompanhada de mudanças efetivas nas práticas pedagógicas em sala de aulas (Cabral, 2013).

O desafio atual passa por melhorar as escolas (Bolívar, 2003; Machado & Alves, 2014), tornando-as lugares de diferenciação com foco na aprendizagem significativa para todos os alunos (Perrenoud, 1992, Manesse, 2001, Benavot, 2017). Tal desiderato pressupõe a assunção de paradigmas de ensino e avaliação construtivistas (Alves, 2017). Enquanto a escola se mantiver seletiva, com práticas muito rotineiras desadaptadas dos alunos, tradicionais e naturalizadas, que Tyack e Tobin (1994) batizaram com a expressão de “gramática escolar⁴”, continuar-se-á

⁴ Sabe-se o quanto se tem explorado e estudado o conceito de “gramática escolar”. Sendo toda a comparação sempre limitada, pensamos que esta imagem de “gramática escolar” deve ser bem articulada para não ser um tiro fora do alvo. Do nosso ponto de vista não há nada permanente, estável, que se mantenha inalterável ao longo dos tempos e a escola não seria uma exceção. A escola é mutável. Ela não se mantém inalterável. A escola se constrói todos os dias com biografias completamente diferentes que se somam e entrecruzam ao longo dos anos. Isto faz com que não haja uma escola idêntica a outra, nem no tempo nem no espaço. As escolas diferem umas das outras. Haverá certamente elementos comuns a todas elas, mas nenhuma é igual a outra. Mal interpretada, a metáfora da “gramática escolar” pode ser uma imagem irreal e ilusória da escola, como diz Canário (2005, p. 61) “qualquer imobilismo é ilusório, apesar da aparente estabilidade da escola nos dois últimos séculos e do seu

a produzir o insucesso escolar em grande escala com consequências nefastas para a coesão social tão necessária para o desenvolvimento das pessoas e das sociedades. Como diz Benavente (1990, p. 717) é urgente uma “transformação da própria escola, nas suas estruturas, conteúdos e práticas, procurando «adaptá-la» às necessidades dos diversos públicos que a frequentam, elucidando subtis mecanismos de reprodução de diferença e procurando caminhos de facilitação das aprendizagens para todos os alunos”. Isto pode-se traduzir no aumento das horas de aulas, redução dos efetivos, programas aligeirados, reforço do ensino pré-primário, considerado uma propedêutica para as aprendizagens de base. Outros tipos de medidas são de ordem pedagógica e visam desenvolver a motivação e a autonomia do aluno: trabalho em grupos flexíveis, horários flexíveis, abertura da escola à vida, aplicação de pedagogias diferenciadas. (Manesse, 2001, p. 429)

Ainda sobre o conceito de (in)sucesso escolar, Manesse (2001, p. 428) descreve o insucesso escolar como a “situação de um aluno cujos resultados não satisfazem as normas da escola”. Assim, “(...) o insucesso escolar traduz-se por medidas institucionais (repetição de ano, orientações impostas), e uma das suas consequências é a saída do sistema educativo de um certo número de jovens que não puderam aí adquirir nem diploma nem qualificação profissional” (Ibidem, p. 429).

carácter refratário a mudanças deliberadas. A escola de hoje não é a do princípio do século nem sequer a escola da “reprodução” descrita por Bourdieu. A escola sofreu mutações que engendraram as contradições estruturais e os paradoxos em que hoje se move”.

Todo este debate faz lembrar a discussão entre Heráclito e Parménides sobre o “ser” e o “devir”. O ser é, e não pode não ser, porque já é. O não ser não é, e não pode vir a ser, porque não é. Tudo permanece como é. Nada é vir-a-ser porque o ser é. Não podemos ser e não ser ao mesmo tempo (Parménides). Quanto ao “devir”, Heráclito defende que tudo é vir-a-ser. Nada permanece como é. O que já é, no mesmo momento em que está sendo, já vai deixando de ser o que era. Ninguém pode tomar banho duas vezes no mesmo rio. No segundo mergulho o rio não é o mesmo e a pessoa também já não é a mesma.

O problema do “ser” e do “devir” encontrou uma solução equilibrada em Aristóteles com a doutrina da matéria e forma, substância e acidentes. A substância (matéria) seria o ser (imutável) e os acidentes (a forma) o devir, a mudança. Portanto, a escola no seu núcleo duro regista poucas mudanças como é obvio, mas nos seus acidentes, na forma, as mudanças são inegáveis. A escola de hoje não é a escola do século XVIII.

O outro argumento em defesa da mutabilidade da escola são as mudanças sociais. Cada escola é filha da sua sociedade e ela não fica indiferente às mudanças sociais do seu tempo. Vivemos num mundo que se define pelo paradigma da incerteza e das mudanças rápidas a nível tecnológico e científico e essas mudanças invadem a escola todos os dias não sendo possível que a gramática escolar se mantenha inalterável. Qualquer inalterabilidade da escola não passaria de uma ilusão ótica. Podemos sim falar da lentidão, das inércias e resistências no processo de mudanças nas escolas. Quer queiramos quer não a escola do século XXI não é a escola do século XVIII. Talvez se tenha alterado pouco, admitamos, mas ela não é com certeza a mesma.

Iturra (1988) considera o insucesso escolar um mito, uma fabricação do sistema escolar que veicula apenas um certo tipo de saber sistematizado e teorizado. Este saber é unificador, subordinante, e funciona como verdade oficial para os estudantes. É neste sentido que se fala de insucesso. Contudo, o autor conclui que “quer na escola primária, quer no liceu ou nas universidades, não se entrega todo o conhecimento de que os Homens necessitam na vida” (Ibidem, p. 13).

Meirieu (2008), distingue, por seu turno, “aluno em dificuldade” e “aluno em insucesso escolar”. Pode parecer a mesma coisa, contudo, elas são realidades diferentes. Este autor defende que, o “aluno em dificuldade” diz respeito àqueles que têm dificuldades de entender determinados conteúdos agravados em alguns casos pela metodologia de ensino e procedimento de avaliação do professor. O aluno em dificuldade precisa de tempo e outras explicações, novos exemplos ou um melhor treino. Já o aluno com insucesso escolar, este, está em rutura com a instituição, com os trabalhos e saberes escolares. Ele requer uma verdadeira alternativa. Os alunos com insucesso são aqueles que estariam fora do jogo com relação à escola e aos estudos.

De fato, pensamos ser justo não confundir um aluno em dificuldade com outro que realmente precisa de soluções alternativas para superação das dificuldades de aprendizagem que enfrenta. Ou seja, uma coisa é um aluno que por qualquer motivo tem dificuldades de superar uma determinada matéria, outra coisa são alunos que reprovam com alguma regularidade apresentando deficiências de base. O primeiro estaria numa situação de dificuldade, e o segundo, numa situação de insucesso escolar.

Para Gimeno (1984) a expressão insucesso escolar é ambígua sendo que a sua interpretação exige alguma desconstrução e precisão. Quem obtém o insucesso escolar? O aluno, o professor, a escola, o sistema educativo, as políticas educativas? Em que proporção o insucesso é atribuível a cada um deles? Em última análise pergunta-se se o insucesso existe mesmo. O mesmo autor considera que para encontrar uma solução ao problema do insucesso escolar seria um erro levar apenas em consideração as notas dos alunos, sem ter em conta as possibilidades de ensino que são realmente oferecidas aos alunos e a qualidade do próprio ensino, concluindo que o insucesso pode ser atribuído, em última instância, ao professor, à escola ou mesmo à sociedade. Esta tese reprovava por completo a

tendência de várias correntes sociais e acadêmicos, que procuram atribuir a causa do insucesso exclusivamente ao próprio aluno (corrente meritocrática ou dos dotes), corroborando com as correntes segundo as quais o aluno é mais uma (re)produção da instituição escolar e de todo o sistema escolar, que não consegue proporcionar ao mesmo, ótimas condições e oportunidades de aprendizagem e de sucesso educativo (Bourdieu & Passeron, 1964, 1970, Faubert, 2012, Benavente, 1990). Modificar a escola, os seus processos, procedimentos (Cabral, 2013) e estratégias (Roldão, 2017), mudar a mentalidade dos principais intervenientes do sistema escolar, parece ser a solução mais adaptável para a obtenção de melhores resultados escolares.

Martins (2004) traz ao debate dois conceitos de insucesso escolar no contexto do ensino universitário. Ele diz que o insucesso académico significa o não atingir de metas (fim de um ano ou de um ciclo de estudos) pelos alunos dentro dos limites temporais estabelecidos e em que o principal indicador se traduz nas taxas de reprovação e com consequências diretas na repetição de anos e no abandono da universidade sem ter adquirido qualquer diploma. Existe, contudo, um outro tipo de insucesso académico não facilmente quantificável mas provavelmente mais nefasto: referimo-nos à não adequação entre os conteúdos transmitidos na universidade, as aspirações dos alunos e não conjugação destes fatores com as necessidades do sistema social, particularmente do sistema político, cultural, económico e dos seus subsistemas de emprego/ trabalho, científico e tecnológico. (p. 50)

Tavares et al. (2000), têm refletido sobre as medidas de (in)sucesso na universidade admitindo que se tem dado mais importância às variáveis quantitativas do que às variáveis qualitativas. Eis o que dizem os autores:

a quantificação do sucesso mais usual é a % de disciplinas realizadas com aprovação no total de disciplinas a realizar. No entanto esta medida não tem em conta uma medida qualitativa quer da aprovação quer da reprovação. Assim há que refletir sobre: a) a necessidade de ponderar o número de disciplinas realizadas ou a realizar, no cálculo da média das notas nas disciplinas em que o aluno foi aprovado, b) a necessidade de distinguir entre uma falta e uma reprovação e atribuição das respetivas ponderações, c) e eventualmente a necessidade de distinguir a época em que a disciplina foi realizada: normal ou de recurso. Como combinar estes aspetos numa medida de sucesso académico é uma questão que tem sido alvo da nossa reflexão. (p. 207)

Neste estudo, enquadrado na problemática do (in)sucesso escolar no primeiro ano do curso de engenharia mecânica, assumimos como conceito de insucesso escolar, o mau aproveitamento dos alunos no final do semestre ou ano letivo, fazendo com que os mesmos tenham de “refazer” uma ou mais cadeiras do semestre ou do ano anterior. Isto quer dizer, na esteira dos estudos de Tavares et al. (2000), que este estudo não considera como estando numa situação de insucesso escolar os alunos que apesar de não terem obtido aprovação na época normal conseguem-no através do exame de recurso. Ter-se-á em conta ainda, os alunos que repetem o semestre ou o ano letivo por razões que não a reprovação, ou seja, alunos que nem sequer foram submetidos a exame ou se foram desconhecem as razões da sua reprovação ou por erro do professor ou pelo fato do desaparecimento das notas no sistema da universidade⁵. Nesta ótica, para a esta abordagem, consideram-se como principais indicadores do (in)sucesso escolar, a repetição do primeiro ano, a reprovação em uma ou mais cadeiras semestrais ou anuais, a não obtenção da nota mínima (10/20) para eliminar/validar uma disciplina curricular no primeiro ano da universidade.

2. Metodologia

Este estudo sobre o (in)sucesso escolar no primeiro ano do curso de engenharia mecânica numa Instituição de Ensino Superior pública de Angola, pretende atingir dois objetivos: i) dar conta através da revisão de literatura da complexidade e divergências que encerra o conceito de (in)sucesso escolar, ii) caracterizar a dimensão do fenómeno do (in)sucesso escolar no curso de engenharia mecânica numa Instituição do Ensino Superior de Angola, no período compreendido entre 2012 a 2015.

O estudo assumiu uma natureza qualitativa com recurso a dados de natureza quantitativa.

Foi utilizada como técnica de recolha de dados a pesquisa arquivística. Na ótica de Afonso (2004, p. 88) esta “consiste na utilização de informação existente em

⁵ Esta última cláusula ajudará a depurar casos obscuros de insucesso escolar que, infelizmente, grassam o sistema de ensino superior angolano, onde as notas dos alunos desaparecem, não poucas vezes e com alguma facilidade. Contudo, é visível o empenho de algumas universidades no sentido de estancar radicalmente este mal, que prejudica sobre maneira a carreira académica de muitos estudantes.

documentos anteriormente elaborados, com o objetivo de obter dados relevantes para responder às questões de investigação”. Uma das grandes vantagens desta técnica de recolha de informação é o fato dela evitar a interferência dos sujeitos. Neste tipo de pesquisa distinguimos três tipos de documentos: oficiais, públicos e privados (Ibidem). São documentos oficiais os arquivos dos departamentos da administração pública, os arquivos das escolas, nomeadamente, os processos pessoais, as pautas, os relatórios, os processos disciplinares, as atas de reuniões e memorandos. No quadro deste estudo, usamos como fonte de informação as pautas dos alunos do primeiro ano do curso de engenharia mecânica numa Instituição de Ensino Superior de Angola, referente aos anos de 2012 a 2015.

Para a recolha de dados tivemos de nos deslocar à Instituição de Ensino Superior onde contactamos o responsável do Departamento de Engenharias que, sem hesitações, forneceu todos as pautas do primeiro ano do curso de engenharia mecânica de 2012 a 2015.

3. Resultados

O insucesso escolar constitui um fenómeno presente na maior parte das instituições de ensino superior. As causas são multifacetadas. Nesta secção não se pretende estudar as causas, nem os efeitos do insucesso escolar. Limitamo-nos apenas em apresentar os dados sobre o aproveitamento escolar dos alunos no primeiro ano universitário do curso de engenharia mecânica, recolhidos através das (mini)pautas de uma Instituição do Ensino Superior de Angola. Os mesmos dados permitiram-nos caracterizar o insucesso escolar na referida instituição, no período académico de 2012 a 2015 (Quadro 2).

Ano acadêmico	Alunos inscritos				Aproveitamento dos alunos			
	1º semestre		2º semestre		1º semestre		2º semestre	
2012	F	4	F	4	Reprovados	18	Reprovados	32
	M	145	M	126	Aprovados	53	Aprovados	20
	Total	149	Total	130	Avaliados	71	Avaliados	52
					Taxa de sucesso	74,6%	Taxa de sucesso	38,4%
2013	F	5	F	6	Reprovados	19	Reprovados	34
	M	154	M	149	Aprovados	26	Aprovados	14
	Total	159	Total	155	Avaliados	45	Avaliados	48
					Taxa de sucesso	57,7%	Taxa de sucesso	29,1%
2014	F	6	F	5	Reprovados	15	Reprovados	27
	M	120	M	121	Aprovados	19	Aprovados	7
	Total	126	Total	126	Avaliados	34	Avaliados	34
					Taxa de sucesso	55,8%	Taxa de sucesso	20,5%
2015	F	11	F	8	Reprovados	40	Reprovados	31
	M	134	M	111	Aprovados	35	Aprovados	15
	Total	145	Total	119	Avaliados	75	Avaliados	46
					Taxa de sucesso	46%	Taxa de sucesso	32,6%

Quadro 2: *Aproveitamento dos alunos do primeiro ano universitário do curso de engenharia mecânica no período de 2012 a 2015.*

Olhando para os dados estatísticos dos alunos inscritos no início de cada semestre verificamos que muitos alunos abandonam os estudos antes do término do semestre. Quase mais de 50% dos alunos inscritos não se apresenta às avaliações. Não analisamos a situação concreta dos alunos não avaliados. Desconhece-se se

alguns abandonaram os estudos ou se pediram transferências para outros cursos ou instituições de ensino superior.

Relativamente aos alunos avaliados em cada semestre, constatou-se que a taxa de sucesso⁶ não ultrapassa os 40%, sendo a taxa de sucesso mais alta registada no ano letivo de 2012 (38,4%) e a mais baixa em 2014 (20,5%). De um modo geral, as taxas de sucesso no 2º semestre oscilam entre 38, 32, 29 e 20 por cento, como se pode constatar na figura 1.

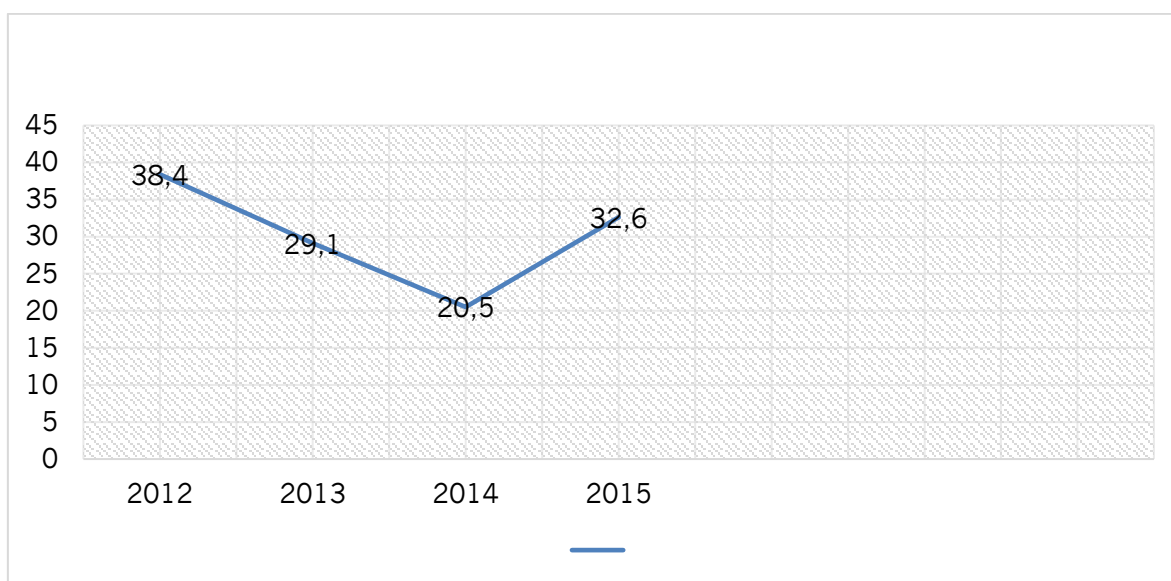


Figura 1: Taxas de sucesso no final do 2º semestre de cada ano letivo

Quando calculámos a taxa de sucesso escolar no 2º semestre, no conjunto dos quatro anos (2012, 2013, 2014, 2015), ela não passava dos 31%, o que nos levou a concluir que as taxas de insucesso escolar na Instituição de Ensino Superior em análise são bastante elevadas, ultrapassando os 62% em cada semestre letivo, sem contar os casos de abandono escolar. Um elemento curioso foi constatar que os alunos têm melhor aproveitamento no 1º semestre em comparação com o 2º semestre (ver Figura 2).

⁶ Segundo Huot (2002, p. 82) a

Taxa de sucesso = $\frac{\text{Nº de indivíduos que obtiveram a nota de passagem}}{\text{Nº de indivíduos que se apresentaram à avaliação}} \cdot 100$

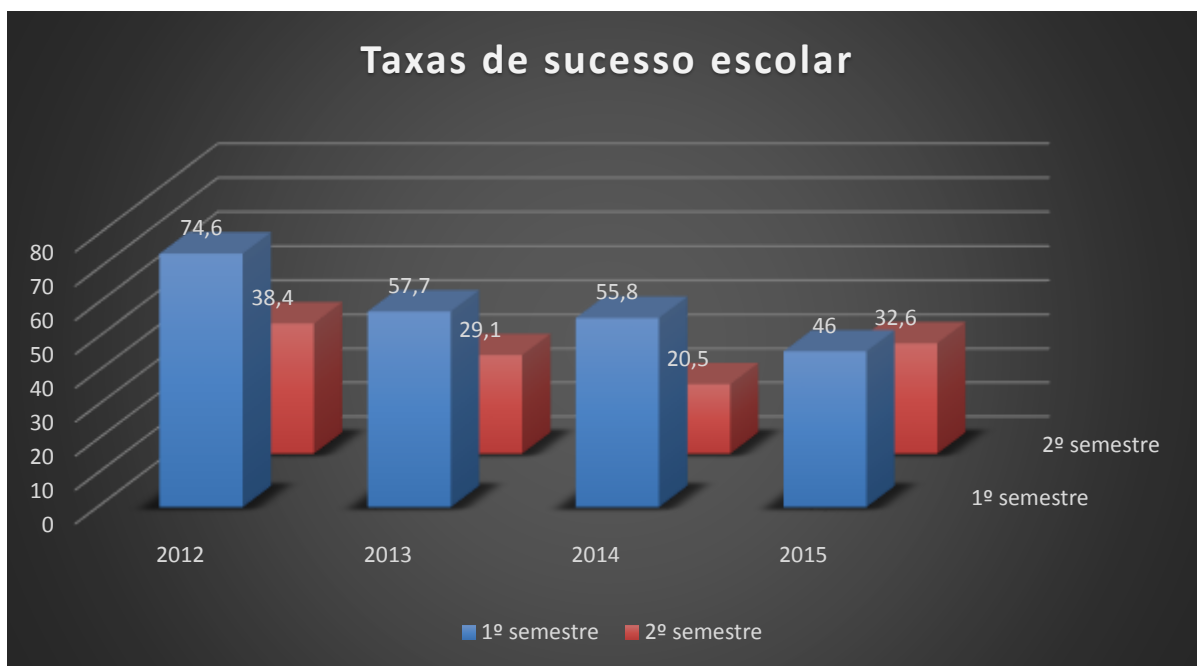


Figura 2: *Taxas de sucesso escolar do 1º e 2º semestres, de 2012 a 2015.*

A natureza deste estudo não permitiu ir mais ao fundo da questão para saber que razões poderiam explicar este fenómeno. Porque razão os resultados do 1º semestre superam os do 2º semestre?

O estudo conduziu-nos também a analisar até ponto existe uma correlação entre a média de entrada no curso e a taxa de sucesso escolar no primeiro ano da universidade. Será que uma média alta na entrada para o curso significa melhores resultados académicos no primeiro ano? Os resultados indicaram que não há uma correlação significativa entre os dois dados. E o curioso, contra todas as expectativas, parece dar-se um efeito contrário, uma média alta na entrada tende a corresponder a taxas de sucesso mais baixas, e uma média baixa na entrada corresponde nalguns casos a taxas de sucesso mais altas (ver Figura 3 e 4 e Quadro 2). Por exemplo, em 2012 tivemos a média de entrada mais baixa (10,3 contra 10,8 de 2013), mas neste mesmo ano tivemos a taxa de sucesso mais alta (38,4) no 2º semestre. Em 2013 tivemos a média de entrada mais alta (10,8%), mas só tivemos a 2ª taxa de sucesso mais alta (29,1%). A taxa de sucesso mais baixa registou-se no ano de 2014, onde a média de entrada era a 3ª mais alta (10,6) nos quatro anos analisados.

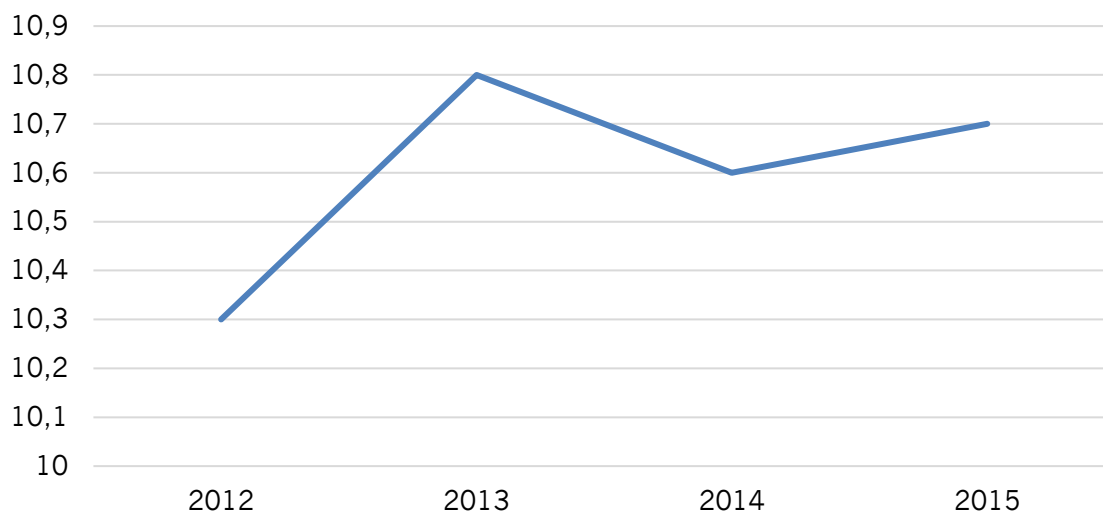


Figura 3: Média de entrada para o curso de engenharia mecânica

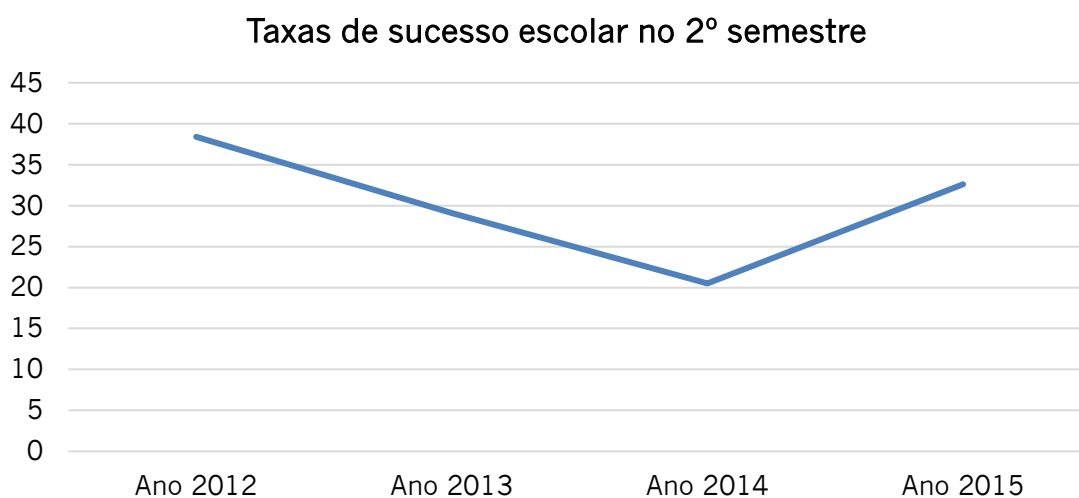


Figura 4: Evolução das taxas de sucesso escolar numa IES de Angola

4. Conclusões

Ao final desta investigação podemos concluir que de fato o conceito de (in)sucesso escolar é bastante ambíguo. Porém, existem um conjunto de indicadores que nos permitem identificar os alunos em situação de insucesso escolar, nomeadamente,

a repetição de anos, reprovações sucessivas, notas baixas, mau aproveitamento escolar, etc.

O insucesso escolar definido por alguns autores (Eurydice, 1993) como a incapacidade do aluno para atingir determinados objetivos educativos, hoje é visto e definido de modo mais holístico. O insucesso escolar deve ser entendido numa conjuntura mais global que envolve uma multiplicidade de variáveis do contexto escolar, social e familiar, todas determinantes no processo de aprendizagem dos alunos. O insucesso escolar é no fundo insucesso da escola, dos professores e de toda a estrutura funcional e organizacional que tem dificuldades de colocar todos os alunos em situação privilegiada de aprendizagens significativas.

Relativamente a caracterização do insucesso escolar numa IES de Angola, no curso de engenharia mecânica, constatou-se que as taxas de sucesso são muito baixas, estando abaixo dos 40%. A média da nota de ingresso no curso parece não ter grande preponderância no sucesso dos alunos no 1º ano da universidade, uma vez que as médias mais altas na entrada não catapultam os alunos para resultados mais positivos. Pensamos que estudos mais aprofundados devem ser feitos no sentido de descortinar as causas que estariam na origem de tão elevados índices de insucesso escolar naquela IES, e explicar as diferenças de (in)sucesso considerando variáveis como a idade, o sexo, a proveniência em termos de estabelecimento de ensino, etc.

5. Referências

- Afonso, N. (2014). *Investigação naturalista em educação: Um guia prático e crítico*. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão.
- Alves, J. M. (2017). Alargando os horizontes da avaliação pedagógica. In I. Cabral & J. M. Alves (Coord.) (Ed.), *Da construção do sucesso escolar: Uma visão integrada* (pp. 141-172). V. N. Gaia: Fundação Manuel Leão.
- Arenila, L., Gossot, B., Rolland, M.-C. & Roussel, M.-P. (2001). *Dicionário de pedagogia* [Dictionnaire de pédagogie] (M. T. Serpa Trans.). Lisboa: Instituto Piaget.
- Azevedo, J. (2014). Como se tece o (in) sucesso escolar: O papel crucial dos professores. In J. Machado, J. M. Alves (Ed.), *Melhorar a escola. Sucesso escolar, disciplina, motivação, direção de escolas e políticas educativas* (pp. 39-54). Porto: Universidade Católica Editora.

- Benavente, A. (1990). Insucesso escolar no contexto português: Abordagens, concepções e políticas. *Análise Social*, XXV, 715-733. doi:<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223034893G8cGD1nd2Zt45QL6.pdf>
- Benavot, A. (2017). *L'éducation pour les peuples et la planète: Créer des avenir durables pour tous*. (Rapport Mondial de Suivi sur l'éducation). Paris: UNESCO.
- Bolívar, A. (2003). *Como melhorar as escolas? estratégias e dinâmicas de melhoria das práticas educativas*. Porto: Asa.
- Bolívar, A. (2012). *Melhorar os processos e os resultados educativos: O que nos ensina a investigação* (M. Franco Trans.). V. N. Gaia: Fundação Manuel Leão.
- Bourdieu, P., Passeron, J.-C. (1964). *Les héritiers: Les étudiants et la culture*. Paris: Éditions de Minuit.
- Bourdieu, P., Passeron, J.-C. (1970). *La reproduction*. Paris: Éditions de Minuit.
- Cabral, I. (2013). *Gramática escolar e (in) sucesso: Os casos do projeto fénix, turma mais e adi*. Porto: Tese de doutoramento, Universidade Católica Portuguesa.
- Canário, R. (2005). *O que é a escola? - um "olhar" sociológico*. Porto: Porto Editora.
- Costa, J. A. (2003). *Imagens organizacionais de escola* (3ª ed.). Porto: Asa.
- Eurydice. (1993). *La lutte contre l'échec scolaire: Un défi pour la construction européenne*. Luxembourg: Office des Publications Officielles des Communautés Européennes.
- Faubert, B. (2012). A literature review of school practices to overcome school failure. *OECD Education Working Papers*, 68 doi:<http://dx.doi.org/10.1787/5k9flcwww9tk-en>
- Fernandes, S. A. (2001). O insucesso escolar. In E. L. Pires, A. S. Fernandes & J. Formosinho (Ed.), *A construção social da educação escolar* (3ª ed., pp. 187-213). Porto: Asa.
- Galindo, E. (2015). *Tratamento do insucesso escolar com técnicas da psicologia: Manual prático*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Huot, R. (2002). *Métodos quantitativos para as ciências humanas* [Méthodes quantitatives pour les sciences humaines] (M. L. Figueiredo Trans.). Lisboa: Instituto Piaget.
- Iturra, R. (1988). A passagem da oralidade à escrita: O mito do insucesso escolar. *Jornadas De Antropologia e Etnologia Regional*, , 11-16.
- Landsheere, G. (1992). *Dictionnaire de l'évaluation et de la recherche en éducation*. (2ème ed.). Paris: Presses Universitaires de France.

- Machado, J., Alves, J. (Orgs.). (2014). *Melhorar a escola: Sucesso escolar, disciplina, motivação, direção de escolas e políticas educativas*. Porto: Universidade Católica Editora.
- Manesse, D. (2001). Insucesso escolar. In R. Doron & F. Parot (Ed.), *Dicionário de psicologia* [Dictionnaire de psychologie] (Gabinete de Tradução da Climepsi Editores Trans.). (pp. 428-429). Lisboa: Climepsi Editores.
- Martins, A. M. (2004). Insucesso académico na universidade: Causas e estratégias para a sua minimização. *Docência Universitária, 1 e 2*, 49-60.
- Meirieu, P. (2008). *Lutter contre "l'échec scolaire": Pourquoi? comment?*
- Perrenoud, P. (1992). Différenciation de l'enseignement: Résistances, deuils et paradoxes. *Cahiers Pédagogiques, 306*, 49-55.
- Roldão, M. C. (2017). Estratégias de ensino: De uma retórica gasta a uma prática eficaz. In I. Cabral, J. M. Alves (Coord.) (Ed.), *Da construção do sucesso escolar: Uma visão integrada* (pp. 185-202). V. N. Gaia: Fundação Manuel Leão.
- Sil, V. (2004). *Alunos em situação de insucesso escolar*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Tavares, J., Santiago, R. A., Taveira, M. C., Lencastre, L. & Gonçalves, F. (2000). Fatores de sucesso/ insucesso no 1º ano dos cursos de licenciatura em ciências e engenharias do ensino superior. In A. P. Soares et al. (Ed.), *Transição para o ensino superior* (pp. 189-214). Braga: Universidade do Minho, Conselho Académico.
- Tyack, D. (1974). *The one best system: A history of american urban education*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Vieira, C. & C. (2007). Insucesso escolar na universidade de Évora. instrumentos de recolha de opinião: Contributos para um diagnóstico. *Cadernos PRPQI, 7*, 1-19.